



## Efemérides da Pediatria portuguesa

Henrique Carmona da Mota

Palestra apresentada, no dia 18 de Outubro de 2008, no 9º Congresso Português de Pediatria, realizado no Porto.



Convidaram-me para falar de efemérides no Congresso de Pediatria; dos factos que deixaram marca (*ides*) e não dos que desbotaram no dia seguinte. Para isso socorri-me mais da memória que da história outros já se ocuparam (Santos Bessa. Saúde Infantil, Setembro 1987; M<sup>a</sup> Lurdes Levy. "Breve História da Sociedade Portuguesa de Pediatria", em <http://www.spp.pt>; J. Salazar de Sousa. Acta Pediátrica Portuguesa. Março 2008).

Evoco Pêro Vaz ...

*"SENHOR, posto que o capitão-mor desta vossa frota e assim os outros capitães escrevam a Vossa Alteza a nova do achamento desta vossa terra nova, que se ora nesta navegação achou, não deixarei também de dar disso minha conta a Vossa Alteza, assim como eu melhor puder, ainda que para o bem contar e falar o saiba pior que todos fazer.*

*Mas tome Vossa Alteza minha ignorância por boa vontade, a qual, bem certo, creia que por afremosentar nem afear haja aqui de pôr mais do que aquilo que vi e me pareceu. Da marinagem e singraduras do caminho não darei aqui conta a Vossa Alteza, porque o não saberei fazer e os pilotos devem ter esse cuidado."*

Pêro Vaz de Caminha. Carta a El-Rei D. Manuel. 1500.

...consciente do viés inerente a esta postura.

Um século pode parecer demasiado para começar uma história pregressa numa epopeia mas é o objectivo mítico de duração de uma vida humana. Há cem anos deu-se o regicídio, a clássica tendência para castigar o alegado culpado em vez de procurar a causa para corrigir o defeito. Há cem anos nasceu Manoel de Oliveira que, aqui ao lado começou a filmar crianças e Henri Cartier-Bresson, o mestre do foto-jornalismo que aconselhava a esperar pelo "momento decisivo" para disparar (uma atitude tipicamente hipocrática), apenas "quando a cabeça, o olho e o coração estiverem alinhados"... tal como para registar efemérides.

Foi há cem anos que Metchnikoff inventou a noção de probióticos; há cem anos foi comercializado a primeira fórmula láctea "adaptada" (Lactogen).

Na década de 30, quando nasceram os mais velhos de nós, já um colega Fernando Correia recordava:

...consciente do viés inerente a esta postura.

Um século pode parecer demasiado para começar uma história pregressa numa epopeia mas é o objectivo mítico de duração de uma vida humana. Há cem anos deu-se o regicídio, a clássica tendência para castigar o alegado culpado em vez de procurar a causa para corrigir o defeito. Há cem anos nasceu Manoel de Oliveira que, aqui ao lado começou a

filmar crianças; e Henri Cartier-Bresson, o mestre do foto-jornalismo que aconselhava a esperar pelo "momento decisivo" para disparar (uma atitude tipicamente hipocrática), apenas "quando a cabeça, o olho e o coração estiverem alinhados"... tal como para registar efemérides.

Foi há cem anos que Metchnikoff inventou a noção de probióticos; há cem anos que foi comercializado a primeira fórmula láctea "adaptada" (Lactogen).

Na década de 30, quando nasceram os mais velhos de nós, já um colega Fernando Correia recordava:

*"Mas recordemos mais uma vez o triste martirologio infantil fixado nas estatísticas:*

*- Em Portugal morre uma criança de menos de cinco anos de dez em dez minutos.*

*Recordemos que a maior causa da mortalidade infantil são as enterites, consecutivas a ignorância das mães principalmente, mas muitas delas a mi-séria, que, não as deixando alimentar convenientemente, lhes faz secar o leite nos seios e as obriga a criar os filhos com leite de animal, tanta vez im-próprio e bem mais fácil de alterar-se que o que a mãe guarda nos seus peitos, e além disso com muitas qualidades perdidas pela inevitável fervura.*

*Recordemos que a seguir às enterites é a debilidade congénita que mata mais crianças e esta é devida principalmente ao alcoolismo, sífilis, tuberculose ou deficiente alimentação do pai e da mãe.*

*Recordemos que uma terceira causa vem a seguir nas estatísticas para explicar a mortalidade infantil, a bronco-pneumonia, tanta vez devida a insuficiência de agasalhos e à necessidade de as mães levarem os filhos consigo quando vão tra-balhar, expondo-os por conseguinte assim a todas as intempéries.*

*Uma das principais causas de mortalidade in-fantil é a falta não só de educação como de orientação dos pais.*

Fernando Correia. Problemas de Higiene e puericultura. Coimbra 1934

Naquele tempo as doenças apresentavam-se floridas e tinham nomes estranhos - atrepsia, marasmo (Figura 1), toxicose... Os mestres daquele tempo preocupavam-se com os flagelos e

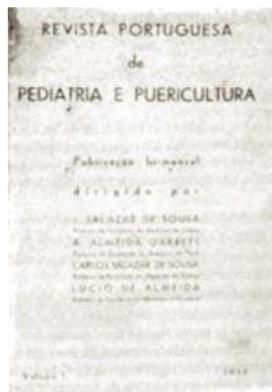


Figura 1

estudavam a malnutrição (em 1936, Carlos Salazar de Sousa defendeu a Tese de Doutoramento sobre Lactantes Malnutridos, em Lisboa e em 1939 Lúcio de Almeida publicou um livro sobre Fisiopatologia Alimentar do Lactente, Coimbra).

Era o período dos pensamentos únicos, dos livros únicos que clamavam “Viva Salazar”, no ano em que se inaugurou o campo de concentração do Tarrafal e a trágica Guerra civil de Espanha (*Viva la Muerte*) que prenunciava a mundial.

Foi então que começou a Revista Portuguesa de Pediatria (RPP) por iniciativa de Carlos Salazar de Sousa, pioneiro da investigação em Pediatria no seu Serviço do H. Santa Maria. Primeiro Revista Portuguesa de Pediatria e Puericultura (Figura 2), depois (1970) apenas Revista Portuguesa de



**Figura 2**

Pediatria e mais tarde, Acta Pediátrica Portuguesa desde 1995. Seguiram-se os anos da II Grande Guerra que veio agravar ainda mais as tremendas carências da maioria. Racionamento severo de bens de consumo, pão, leite, sabão, gasolina ... Colavam-se tiras de papel nas vidraças para evitar os estilhaços num eventual bombardeamento.

O regime tentava atenuar a severa morbidade infantil, integrando iniciativas dispersas de protecção materno-infantil (Instituto Maternal - *Os serviços consistiam em consultas de Pediatria e Puericultura, Lactários e Consultas pré-natais e ginecológicas. Serviços equivalentes aos europeus mas com 40 anos de atraso.* Paula Cristina Almeida Remoaldo. Os desafios da saúde materno-infantil portuguesa nos inícios do Sec. XXI (Cuadernos Geográficos (Granada) 2005;36: 553-61 <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/171/17103736.pdf>).

Em Coimbra o Instituto Maternal era dirigido por Santos Bessa, um peso pesado do regime.

A oposição intelectual aglutinava-se no neo-realismo. Soeiro Pereira Gomes, que nasceu há cem anos, dedicava os Esteiros “aos filhos dos homens que nunca foram meninos”

Não havia antibióticos; os medicamentos escasseavam. No país profundo um clínico geral sobreviveu por pouco à febre tifóide tratada com gelo e caldos; dois filhos tiveram difteria - o mais novo morreu sufocado pelo “garrotinho”. Então, só era recomendada a vacina contra a varíola; as outras disponíveis só eram aconselhadas “quando e onde for necessário” (1949). 2º Inquérito Serológico Nacional, Portugal Continental 2001-2002. 2004 DGS.

Terminada a guerra, criou-se a Sociedade Portuguesa de Pediatria (SPP-1948) por iniciativa de Manuel Cordeiro Ferreira, um passo decisivo para congregar os pediatras portugueses. A SPP fez 60 anos; a ela se deve estarmos hoje aqui. Bem-hajam quem a criou, M<sup>a</sup> Lurdes Levy, sua ama e também quem escolheu o seu belo logotipo.

Manuel Cordeiro Ferreira convidava mestres da Pediatria europeia a passar alguns dias em Lisboa; além de palestras, acompanhavam o trabalho diário nas enfermarias do H. D.<sup>a</sup> Estefânia.

A saúde da criança portuguesa preocupava; em 1952 reuniu-se o 1º Congresso Nacional de Protecção à Infância presidido por um pediatra (Prof. Castro Freire).

No mesmo ano, Adolfo Rocha, um clínico geral, descrevia a realidade no mundo rural:

*“Tocar a anjinhos na torre era tão natural como tocar às avé-marias. Se o sino grande da irmandade abria o seu vozeirão a chamar, ainda um frémito de terror percorria a veiga. Agora se badalava o pequeno, ninguém fazia caso.*

*- Parece que ouço sinais...*

*- É um anjo.*

*E a vessedá continuava, alheia às enterites da primavera que dizimavam a infância da freguesia.*

*- Anda Deus a fazer a sua colheita.”*

Miguel Torga. A criação do mundo (O terceiro dia) Coimbra 1952.

Os médicos tentavam impedir essa colheita com os recursos da época: volumosas injeções subcutâneas de soro fisiológico; perfusões endovenosas em caso de colapso (“toxicose”) mas as agulhas eram mais grossas que as veias e as gotas do tamanho das lágrimas (Figura 3).



**Figura 3**

Apesar do Sol o raquitismo era frequente e os sinais óbvios - bordeletes, rosário costal, sulco de Harrison e até dedos hipocráticos; a tetania não era rara.

Tempos difíceis em que Torga descreveu os radicais livres: (*“O catolicismo, aqui na Ibéria, respira-se como um ar de compressão. É o super-oxigénio da nossa asfixia social.”* Miguel Torga, *Diário VIII*).

Em 1957 os “soviéticos” lançaram o primeiro satélite artificial que zunia (*Bip, bip, bip, biiip*) sobre as nossas cabeças - as incrédulas, as temerosas e as regaladas.

Aquilino publicava “Quando os lobos uivam” no mesmo ano em que Mao iniciava o Grande Salto em Frente - trágicos resultados de tentar iluminar o povo. O general Delgado fazia tremer o regime.

Foi o ano da Balada da Despedida do 6º ano médico (Bandeira Mateus/ Machado Soares), o curso de Nicolau da Fonseca, Alexandre Furtado, Vilaça Ramos e do Sutil Roque que a cantou.

Em 1959 Duras-Resnais (*Hiroshima mon amour*) mostravam a dificuldade de perceber o horror não experimentado. “*Tu n'as rien vu à Hiroshima ...*”

Foi o ano da vitória de Fidel em Cuba e o inicial do conflito sino-soviético. (“O um dividiu-se em dois...”. J. Pacheco Pereira).

Graça Andrada, regressada dos USA, iniciava a sua epopeia na Associação Portuguesa de Paralisia Cerebral.

1961 foi um ano trágico. Ergueu-se o Muro de Berlim, resposta lógica ao enviesamento de uma utopia.

Começou a Guerra de Angola com os bárbaros massacres do Norte de Angola. “Assim, não...” diziam os furriéis da “nossa” Companhia “indígena”.

No ano em que Gagarine, o primeiro cosmonauta, relatava que “A Terra é azul” e Raul Solnado ironizava “A guerra de 1908” (na revista “Bate o pé”).

Publicou-se o Relatório das Carreiras Médicas (Miller Guerra, relator); os médicos tomam em mãos a definição do futuro...

A guerra levou muitos médicos a sair de Portugal: para a Europa uns, por objecção; para África muitos, mobilizados no exército português mas também integrados nas forças da guerrilha - Agostinho Neto que fora interno de Pediatria; Manuel Videira, Manuel Boal...

“Para Angola e em Força” tinha ordenado Salazar e nós lá fomos para recuperar nambuangongos.

*Nambuangongo*

*Meu Amor*

*Em Nambuangongo tu não viste nada*

...

*Não, tu não viste nada em Nambuangongo.*

Manuel Alegre

Ramos de Almeida, já pediatra, foi com as primeiras levas e mais tarde publicou a experiência. Saborosíssimas histórias de um médico camuflado no exército português nos primeiros anos da Guerra de Angola, um jovem (“tinha ideias mas não parecia”) *enfant terrible* da nata da sociedade lisboeta de há meio século.

Escritas por um dos mais brilhantes pediatras de uma geração de ouro da Pediatria portuguesa com uma pena de cisne (pato é pouco, pavão demasiado) por quem fruiu a vida com o prazer de roçar os limites e o à-vontade e o distanciamento irónico de quem se cria invulnerável.

Creio que todos os milicianos da guerra de Angola, em especial os médicos, lerão com imenso prazer o Camuflado, Sine Dolo. Para muitos recém-licenciados este foi o Serviço médico à periferia. Emídio Sancho que, mais tarde haveria de fundar, com Nicolau da Fonseca, a Secção de Pediatria Ambulatória da SPP, descreveu a sua a iniciação à Pediatria em África.

*E continuo na Damba, rodeado de doentes, dos pequeninos, como nós gostamos. Tenho uma enfermaria (chama-lhe barracão que ainda agradeço) cheia de pretinhos. Todos os dias chegam coisas sensacionais. Os maiores edemas carenciais que vi na minha vida, as maiores desidratações, os maiores problemas alimentares; maravilhoso, maravilhoso tudo.*

*E os miúdos começam a nascer. Nascer para a vida e para mim. (Agradeço-lhes com todas as minhas forças os únicos momentos "vivíveis" de Angola.)*

*E assim a Pediatria me vai dominando.*

Curiosamente, nesse mesmo ano em que Sancho descrevia “Os maiores edemas carenciais que vi na minha vida”, M<sup>a</sup>. José Lobo Fernandes, futura pediatra, coligia 19 casos de kwashiorkor hospitalizados no Serviço de Pediatria do HUC. (Algumas considerações sobre o Kwashiorkor, Tese de licenciatura. Coimbra 1963), que Cecily Williams, uma médica, tinha descrito em 1933. (*A nutritional disease of childhood associated with a maize diet.. ADC 1933*).

Portugal era uno do Minho a Timor...

1962 foi o ano da crise dos mísseis em Cuba que levou a “guerra fria” à ebulição. Foi também o ano da 1<sup>a</sup> crise académica da nossa geração. Nesse ano, reuniu em Lisboa o X Congresso Internacional de Pediatria sob a direcção de C. Salazar de Sousa.

Foi também o ano I da “pílula” com as conhecidas repercussões na natalidade (Figura 4).

Em 1963 foi assassinado Kennedy; dois anos depois foi a vez de Humberto Delgado. Exilado, Manuel Alegre, “*pergunto ao vento que passa/notícias do meu país/E o vento cala a desgraça/E o vento nada me diz*”.

Poderia ter dito que se tinha iniciado o Programa Nacional de Vacinação com o êxito que viria a ter. Erradicou-se a varíola, fez-se quase desaparecer a poliomielite e a difteria e, mais tarde, também o sarampo (Figura 5).

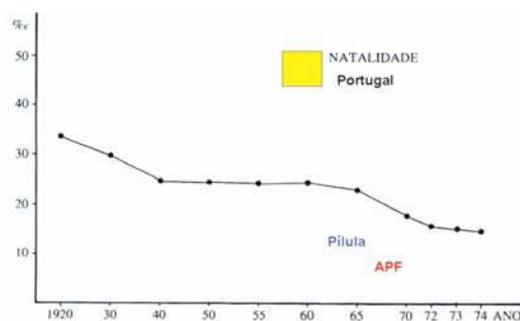


Figura 4

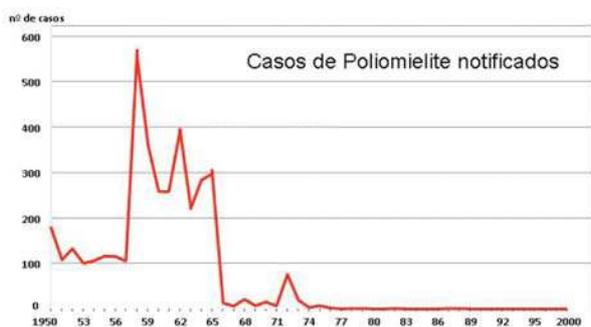
A vacina é a arma de saúde pública que as ditaduras aceitam. O seu paradigma consiste em eliminar os germes mortais - - genocídio do vírus da varíola - e em conseguir que os cidadãos fiquem imunes à toxina tetânica e à contestatária.

Curiosamente foi já em regime democrático que se perverteu o paradigma: não satisfeitos com eliminar as estirpes eventualmente virulentas das bactérias comensais, já se passou dos sete iniciais genótipos do pneumococo para nove ou treze. Mais radical é o sabão anti-séptico que, a pretexto de lavar as mãos, anuncia “eliminar 99,9% das bactérias” com o beneplácito da SPP. A limpeza étnica, um mundo asséptico, é o objectivo perseguido sem arrepio.

Voltemos a 1966, ano em que se inauguraram o primeiro S. de Pediatria Oncológica (Gentil Martins, IPO, Lisboa), as 1<sup>as</sup> Reuniões Luso-Castelhano-Astur Leonesas de Pediatria e começou a Revolução Cultural da Mao-Tsé-Tung.

Em 1967 confirmou-se, em Lovaina (Herz G.) o défice enzimático de uma doença metabólica numa biopsia hepática de uma doente do HUC.

1968 foi outro ano crucial: o ano de Maio em Paris e do início da *Primavera de Praga* que, mal começou pior acabou



**Figura 5**

tal com as ilusões de muitos.

1968 foi ao ano da tradução francesa de “O Primeiro Círculo” sobre o Gulag, que descreve o horror dos campos destinados a intelectuais e cientistas e a demência paranóide do estalinismo do pós-guerra.

Nesse mesmo ano, foram assassinados R. Kennedy e M. Luther King nos USA. Em Portugal, cai Salazar e começa, com expectativa, a “Primavera Marcelista”.

A Ordem dos Médicos só reconhecia como especialistas quem se tivesse submetido a um exame nacional depois de um estágio em centros reconhecidos; eram provas longas e exigentes, que duravam dois dias e se prolongavam pela madrugada. Assim nos conhecíamos uns aos outros.

O número de pediatras ia aumentando, o que justificava reuniões fora dos grandes centros. O 1º Curso de Actualização e Aperfeiçoamento em Pediatria decorreu em Aveiro.

Também em 1968, realizaram-se as 1ªs Jornadas Pediátricas de Angola sob a presidência de Nuno Cordeiro Ferreira e as I Jornadas Internacionais de Pediatria Social, também em Angola, com a presença de grande número de pediatras estrangeiros, nomeadamente espanhóis e franceses (<http://www.spp.pt/conteudos/default.asp?ID=3>).

1969 foi o ano da II Crise académica que prenunciou o fim da abertura marcelista; na sequência da crise, a Universidade de Coimbra foi encerrada e Octávio Cunha expulso. Entretanto, o homem chegava à Lua.

Mas a descompressão que a queda de Salazar ocasionou permitiu algumas reformas importantes:

Em 1971 o ministro Gonçalves Ferreira e Arnaldo Sampaio lançaram as bases do que seria o futuro SNS; criaram a Direcção-Geral da Saúde (Arnaldo Sampaio) e os Centros de Saúde. (<http://www.minsaude.pt/portal/conteudos/a+saude+em+portugal/servico+nacional+de+saude/historia+do+sns/historiadosns.htm>).

No mesmo ano Zeca Afonso cria “Grândola, Vila Morena”, Miles Davies e outros monstros do jazz tocam em Cascais e Fernanda Sampayo executa a primeira septostomia de Rashkind em Portugal (H. Sta Marta).

Mas a guerra de África continuava a drenar médicos, que os capitães exigiam protecção. Quando se esgotaram os novos, reinspeccionaram os mais velhos. Nicolau da Fonseca, foi mobilizado para a Guiné.

“Fui arrancado brusca e inesperadamente aos 43 anos de idade de junto da minha família, da minha terra, dos meus hábitos, da minha clínica. Pregaram-me nos ombros uns galões de capitão, como podiam ser de major. Fiz figura com

eles no aeroporto. Até tive uma continência da sentinela. Mas, chegado aqui, estes lateiros da Medicina não levam a bem esta invasão de ten-coronéis, majores e capitães médicos milicianos, graduados dum dia para o outro a postos iguais ou superiores aos deles. E está a travar-se uma guerra dentro da guerra.

Para já o Chefe de serviços de saúde militar... fez tábua rasa da minha especialização e prepara-se para me enviar para Bafatá como clínico-geral. Entretanto no Hospital Civil morrem às sete criança por dia, não obstante o serviço ter melhorado francamente com a presença do Correia de Sousa. Bissau 30-10-72

A minha actividade clínica vai decorrendo sem dificuldades de maior. Tenho com que me entreter durante grande parte do dia. Estou sòzinho no Hospital Regional. Consultas com 50 a 70 doentes todas as manhãs. Enfermarias com um total de 86 camas para visitar de tarde. Muito paludismo, muitas anemias; muitos problemas de má nutrição (sobretudo em mulheres, durante e após gravidezes; em crianças, menos do que esperava); algumas diarreias, complicações respiratórias graves do sarampo; etc. Não tenho qualquer apoio laboratorial. Apenas um aparelho de radioscopia.

Apesar de ter sido nomeado Pediatra do Hospital de Bafatá, faço clínica geral. Sob uma avalanche de doentes de todas as idades, fico sem poder dedicar-me como queria à Medicina Infantil. A única possibilidade que tenho é de observar as crianças na consulta e na enfermaria com um pouco mais de atenção. E nada mais.

Felizmente não tenho tido grandes dissabores com as crianças que tenho tratado. Já me faleceram algumas, mas em situações que me não deixaram qualquer peso na consciência: 1 tétano neonatal, 1 sépsis neonatal, 1 coma súbito numa criança de 2 meses internada com o CR febril (encefalite, coma palúdico?), 2 complicações pulmonares do sarampo em crianças com um mau estado de nutrição, 1 coma hepático (post hepatite) num rapaziño de 14 anos. Mas, apesar de tudo, é preciso sorte. O hospital fica entregue das 18h às 7h da manhã, a serventes negros, a maior parte analfabetos. Fica um de serviço de noite. Chama o enfermeiro quando é preciso e este manda chamar o médico se a situação o justifica. As medicações têm que ser feitas entre as 7 e as 18 horas, porque só nesse horário disponho de enfermeiros (bons no aspecto de desembaraço, mas maus em muitos outros aspectos). Bafatá 10-12-1972

Os pequenitos portugueses tiveram que se haver sem Nicolau da Fonseca durante dois anos, mas os de Bafatá nem se deram conta da sorte que tiveram.

Também relata a vida em Bafatá:

No meio da cavaqueira ouve-se uma explosão, o chão treme e todos se calam. Depois de se chegar à conclusão que se trata da Artilharia a fazer batimentos de zona, retoma-se o fio à conversa.

Descrição que recorda o que Torga publicara vinte anos antes:

“E a vessada continuava, alheia às enterites da primavera que dizimavam a infância da freguesia.”

Miguel Torga. A criação do mundo (O terceiro dia) Coimbra 1952.

Ramos de Almeida, regressado de Angola sem sequelas, publicou um curiosíssimo trabalho (Erythroblastic Saga) nos

Archives of Diseases in Childhood, que implica as avós na eritroblastose fetal; o desenho, magnífico, é do João Abel Manta, o dos Cartoons (1975):

“Se hoje, ano segundo da Revolução, me detenho numa data (1969, suponhamos - hora a que nasceram os primeiros desenhos deste álbum) e se, a partir dela me ponho a desfiar referências em passado, covardias, rendas mentais, mortes várias, surge-me acto contínuo a nossa comarca das artes, toda contente e solene, instalada no seu presépio. À volta, e para lá dela, era o país - Portugal, dizem.

Estava-se, escusado será lembrar, em delírio de sociedade de consumo: jogos de Bolsa e batalhas de galerias; e havia estímulo, parabéns ao artista, investimentos em moldura. Revolução, nessa época, nem pensar: só a da pintura, e olha lá. Contestação, a das formas. Movimento, o dos happenings nobres. E disse. Enquanto isso, em lugar à parte, um pintor, João Abel Manta, ia anotando e construindo o seu testemunho do tempo”.

Prefácio de J. Cardoso Pires, o de *O Delfim* (1968) e do fabuloso *Dinossauro Excelentíssimo* (1972).

Entretanto a história continuava: em 1973, Allende (médico) era assassinado no Chile (<http://www.youtube.com/watch?v=7vrSq4cievs>) e, com ele, morria mais outra ilusão latino-americana depois da de Che e Fidel.

Nesse mesmo ano, “Depois de se chegar à conclusão que se trata da Artilharia a fazer batimentos de zona, retoma-se o fio à conversa, e alheios às enterites da Primavera”, realizou-se o Seminário sobre a Criança na Comunidade Luso-Brasileira, durante o qual foram confrontados alguns dos problemas sociais referentes à criança nas duas comunidades. L. Levy. <http://www.spp.pt/conteudos/default.asp?ID=3>

1974 foi “a madrugada que eu esperava/O dia inicial inteiro e limpo” de Sofia e nossa.

Haverá muitas causas para o revolução dos cravos, umas mais generosas que outras. A queda dos elevados valores da mortalidade infantil (MI) vinha a acontecer, lenta mas persistente; foi em 1974 que os valores da mortalidade pós-neonatal foram, pela primeira vez, inferiores aos da mortalidade neonatal - atingiu-se o que era chamado “ponto de civilização”, boa razão para mudar o regime. Se até 1974 a velocidade de queda da MI era lenta, a partir daí acelerou-se de tal modo que se aproximou e ultrapassou a dos países europeus (Figura 6).

O XIV Congresso Internacional de Pediatria também foi em 1974, em Buenos Aires. Ali ouvi o relato dos sucessos da melhoria dos índices de saúde da criança após a revolução cubana com o entusiasmado aplauso dos jovens pediatras argentinos; no avião soube que Torrado da Silva tinha regressado a Portugal.

Em 1975 alguns recém-licenciados propuseram-se fazer parte do seu estágio nos Centros de Saúde; foi o início do Serviço Médico à Periferia que levou todos os jovens médicos a contactar com a realidade portuguesa que desconheciam.

Nesse mesmo ano, Ramos de Almeida assumiu a direcção do “S. Neonatologia da MAC:” uma revolução na qualidade de cuidados ao recém nascido na maior maternidade do país.

O Serviço de Pediatria do Hospital de Santa Maria organizou-se em Unidades especializadas, germe das especialidades pediátricas actuais; uma foi o Desenvolvimento com o estatu-

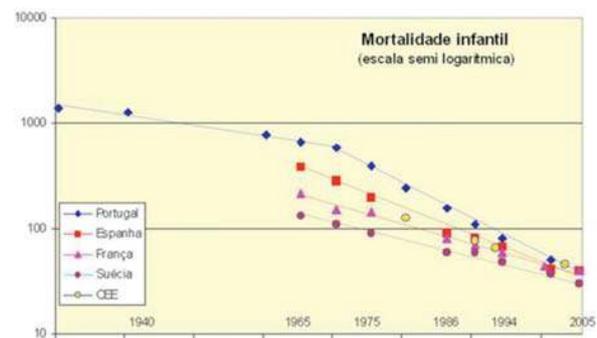


Figura 6

to das especialidades clássicas (J. Gomes Pedro e M<sup>a</sup> José Lobo Fernandes)

Neste período, regressaram a Portugal muitos pediatras: Nicolau da Fonseca, da Guiné, Norberto T. Santos, de Moçambique; Torrado da Silva, Luis Lemos e Octávio Cunha, de Lausanne. Do UK regressaram Gabriel Tamagnini e os três primeiros neuro-pediatras (Cândida Maia, Karin Dias e Luis Borges) que se encontraram no mesmo Serviço de Londres ao mesmo tempo e para onde tinham ido sem saberem uns dos outros. Com eles começou a Neuropediatria em Portugal; eles dirão que já havia começado com Orlando Leitão - tudo tem um precursor (<http://neuropediatria.online.pt/a-neuropediatria/a-historia>). É curioso que nenhum era pediatra; todos vieram da Neurologia.

E, assim, o nosso pequeníssimo grupo de pediatras de Coimbra viu-se dotado de três magníficos pesos pesados -Torrado da Silva, Luis Lemos e o regressado Nicolau da Fonseca.

Em 1976, o “despacho Arnaut” criava as bases do futuro Serviço Nacional de Saúde (SNS).

<http://www.min-saude.pt/portal/conteudos/a+saude+em+portugal/servico+nacional+de+saude/historia+do+sns/historia-dosns.htm>.

Havia muitos alunos em Medicina e o fim da guerra de África desmobilizou muitos médicos, facto que facilitou o arranque do SNS tal como acontecera com o NHS no Reino Unido em 1945. António Arnaut era muito amigo e grande admirador de Torga com quem convivia - não custa imaginar que, juntos, tivessem imaginado o futuro.

O sucesso dos críticos primeiros tempos do SNS deve muito à excelente Direcção Geral de Saúde, ao tempo dirigida por Arnaldo Sampaio que apoiou decididamente a energia inesgotável de Celsa Afonso, pediatra responsável pela coordenação dos cuidados à criança. Cursos, normas, simposia (sobre nutrição infantil...) e a edição dos “Temas de Pediatria”, uma espécie de livro de texto com contributos de pediatras de todos os centros do país; o primeiro capítulo, Panorama da Saúde Infantil em Portugal (Mário Cordeiro) é um excelente retrato dos problemas da criança portuguesa de então. Foi em 1976 que Norberto T. Santos ocupou a Cadeira de Pediatria da FM Porto, por morte de Lopes dos Santos. Foi o grande responsável pela qualidade que o Serviço atingiu e pela fundação duma escola de Nutrição no Porto.

O Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar foi criado em 1975; o primeiro curso de Medicina começou em 76. O ensino de Pediatria foi atribuído ao S. Pediatria do H. St<sup>o</sup> António (Baltazar Valente). Do ensino da Pediatria do novo

curso de Medicina da Universidade Nova de Lisboa foi encarregado Nuno Cordeiro Ferreira, do H. D<sup>a</sup>. Estefânia.

Em 1977, centenário do H. D<sup>a</sup> Estefânia, foi inaugurado o Hospital Pediátrico de Coimbra que havia sido construído por Santos Bessa e Bissaya Barreto. Era constituído por vários Serviços; além dos clássicos - Medicina, Cirurgia - também a Consulta Externa e a Urgência foram constituídos como Serviços, com pessoal e direcção próprias.

Gentil Martins, cirurgião pediatra, foi eleito bastonário da OM. Entretanto o SNS ia-se consolidando apesar de enormes reticências. Luis Lemos, que dirigia o S. Urgência do Pediátrico de Coimbra, foi nomeado consultor de Pediatria para os Cuidados de Saúde Primários (*Declaração de Alma-Ata, 1977*) pela Direcção Geral de Saúde (por iniciativa de Celsa Afonso); uma vez por semana ia aos Centros de Saúde para palestras e discussão de casos.

A ONU declarou 1979 Ano internacional da Criança; justamente no ano em que a OMS proclamou a eficácia da reidratação oral nos casos de diarreia (Oral rehydration therapy. WHO Chron. 1978) Portugal associou-se ao evento, promulgando a Lei 56/79, do SNS (<http://www.min.saude.pt/portal/conteudos/a+saude+em+portugal/servico+nacional+de+saude/historia+do+sns/historiadosns.htm>)

O objectivo, tanto do SNS como da OMS ao exaltar a reidratação oral, era o de levar os recursos e a ciência (*co-transporte do Na e da glicose*) lá onde eles faziam falta; e do modo mais adequado e eficiente possível.

Já anos antes, havíamos extinto a diarreia nosocomial, o flagelo de tantos anos, com a criação da Unidade de Internamento de Curta Duração (UICD) onde os lactentes com diarreia eram cuidados pelas mães (Figura 7).

Foi também nesse mesmo ano que começaram duas iniciativas de grande impacto na saúde da criança portuguesa e na



**Figura 7**

maneira de a perspectivar:

No Hospital Pediátrico de Coimbra, Luis Borges criava o Centro de Desenvolvimento da Criança (CDC), uma instituição multidisciplinar (médica, psicologia, fisioterapia, social) que integrava a Neuropediatria e o Desenvolvimento numa perspectiva integral.

No Porto, começava o Diagnóstico Precoce (*“Teste do Pezinho”*- Figura 8), o rastreio neonatal de doenças metabólicas e do hipotireoidismo no Centro de Genética Médica Jacinto Magalhães. Graças à sua eficácia os médicos actuais deixaram de ver



**Figura 8**

casos de hipotireoidismo congénito ou de fenilcetonúria; para ler uma descrição da “oligofrenia fenilpirúvica” terão que ler O Mosteiro, da Agustina Bessa-Luis.

“ ... a casa recebera um novo doente.

- Cheira a rato, é o defeito que tem.

... loiros e de olhos azuis, ... imaturidade afectiva em famílias aparentemente saudáveis ... crianças belas e ... um andar peculiar, simiesco.

Os melhores criados da casa da Teixeira contavam-se entre esses débeis...

Em 1980 Fernanda Sampayo criou a especialidade de Cardiologia Pediátrica (independente da de Pediatria) e nasce a Secção de Pediatria Social da SPP.

Em 1981 surge o primeiro Boletim de Saúde Infantil (rosa - meninas e azul - meninos), sucessivamente actualizado: em



**Figura 9**

1992 foi incluído o “Programa-tipo de actuação”, actualizada em 2002 Orientações Técnicas da DGS (nº12)

Com as taxas de MI a baixarem a níveis europeus, era o momento de se preparar o SNS para novas etapas.

Em 1981 inaugurou-se a primeira unidade de Cuidados intensivos pediátricos integrais, para RN e para crianças, procurando rentabilizar recursos humanos e de equipamento. Foi a Unidade de Cuidados Intensivos do Hospital Pediátrico de Coimbra, dirigida por Torrado da Silva. Quatro anos depois, Octávio Cunha replicou o modelo no H. Stº António do Porto; a experiência levou-o a publicar o magnífico libreto “O sítio entre o Céu e a Terra” (Figura 9).

Em 1982, saiu o Memorial do Convento, a última das três obras-primas de Saramago.

Era tempo de organizar os cuidados a todos os recém-nascidos portugueses.

(Continua)